

Curso 2017: Os gozos na teoria e na clínica psicanalíticas

Aula 4 (28/9/2017)

Marcus do Rio Teixeira

Na aula passada estudamos a construção da primeira aula do *Seminário 20, Mais, ainda*. Vimos que Lacan começa fazendo referência ao seu *Seminário 7, A ética da psicanálise*, um momento importante no seu ensino no que concerne à teorização do gozo. Na sequência, ele introduz uma nova e provocadora definição da posição do analisante como um “*não quero saber de nada disso*”. Para abordar o gozo, ele fala da cama como um espaço fechado e do que se faz nela (“estreitar-se”). Vimos que Soler, comentando essa aula, frisa o aspecto positivo do gozo, enquanto gozo do ato sexual, na abordagem de Lacan. Este, em seguida, aproxima o gozo da noção jurídica de usufruto, enquanto gozo de um bem sem dilapidá-lo. Mais uma vez, o gozo é definido como positivo, como o gozo efetivo de algo. Ele fala ainda do supereu como imperativo do gozo: “Goza!” – colocação que comentaremos mais adiante. Estes pontos antecedem a frase que ele destaca para aqueles que o escutam: “O gozo do Outro, do Outro com A maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo do amor.”¹

Nesse *Seminário*, sobretudo nessa primeira aula, Lacan oscila, ora falando do gozo, ora do amor. Ele também faz o seu público de bobo ao dizer, três semanas depois, que soube que disseram que ele falou do amor no seu *Seminário*, quando na verdade ele não falou disso. Ora, é só verificar a primeira aula para ver que ele de fato falou do amor, e falou muito. Mas por que ele diz o contrário? A sua explicação é a seguinte: “O que eu digo do amor é que certamente não se pode falar dele (...). Eu falei da letra [*lettre*], da carta de amor, da declaração de amor, o que não é a mesma coisa que a fala de amor.”² Guardemos esta distinção entre a letra/carta e a fala de amor. Porém, poderíamos pensar, talvez, em outra explicação: assim como ele introduz uma nova abordagem do gozo, no sentido positivo, como se expressa Soler, ele traz também uma nova abordagem do amor, até então comentado sob o ângulo da crítica do mito da fusão, do Um (que ele cita nessa mesma aula).

¹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (3ª edição). p. 11.

² Id., p. 19.

A frase de Lacan reúne os dois temas que ele mais comenta, o gozo e o amor, além do tema homófono ao título do Seminário, o corpo: “O gozo do Outro, do Outro com A maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo do amor.”³

A primeira questão que se impõe ao lermos esta frase é a seguinte: qual o sentido dessa expressão: “do Outro”? Devemos entendê-la no sentido subjetivo, como o gozo que parte do Outro – é o Outro que goza – ou no sentido objetivo, como o gozo do sujeito que toma o Outro como seu objeto? O contexto da aula, que começa falando sobre a cama de casal e o que se faz nela, permite concluir pela segunda opção: trata-se de tomar o corpo do Outro como objeto do qual se goza.

Mas por que Lacan diz “do Outro [*Autre*] com A maiúsculo” quando se trata, nesse caso, do semelhante, do pequeno outro? Ele diz ainda “do corpo do Outro que o simboliza”. Soler observa que dizer que o corpo *simboliza* o Outro é diferente de dizer o corpo *no lugar do Outro*:

O corpo no lugar do Outro, isso designa o fato de que o significante se incarna, que o significante marca a carne. O corpo, símbolo do Outro, nos indica que aqui o corpo é tomado como uma espécie de representante do Outro, que é dito um pouco mais adiante “absoluto”, a saber, o Outro sexo.⁴

De fato, Lacan afirma mais adiante: “O Outro, na minha linguagem, só pode ser portanto o Outro sexo.”⁵ Após enunciar a frase, ele acrescenta: “Escrevo isto, e não escrevo depois *terminado*, nem *amém*, nem *assim seja*.”⁶ Soler comenta: “Eu penso que com esta frase, que deve ter lhe ocorrido assim no movimento de falar, Lacan quis se distanciar disso que, na frase precedente, haja talvez de demasiado compreensível. Se bem que essa frase tenha parecido muito incompreensível e que ela tenha sido muito explicada, muito comentada.”⁷

Posso relatar a minha própria experiência de ter lido alguns comentários bem esquisitos, dizendo que o corpo mencionado nessa frase não é o corpo físico, material – como se Lacan, no seu Seminário intitulado *en corps* [no corpo] falasse de um corpo imaterial, etéreo, intangível – e que o Outro com maiúscula não pode ser tomado como o semelhante, mas sim como o Outro da linguagem. Poderíamos perguntar: o que o gozo teria a ver com esse corpo imaterial e o Outro da linguagem? Por que o gozo desse corpo – que não é corpo – não seria signo do amor? O que o amor tem a ver com tudo isso?

³ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 11.

⁴ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore*. Paris, Hôpital Sainte-Anne, oct.1999/juin 2000. Transcrição não relida pela autora. p. 18. [Tradução minha para o trecho citado]

⁵ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 45.

⁶ Id., p. 12.

⁷ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...*op. cit., p. 18.

Deixemos de lado esse tipo de leitura que toma frases de Lacan como enunciados isolados do seu contexto para fazer elucubrações. Estamos em um Seminário no qual o gozo é abordado como algo que diz respeito ao corpo –“(…) um corpo, isso se goza”⁸. A ideia de que esse corpo não seria de carne e osso é simplesmente contraditória em relação a todo o desenvolvimento do tema do gozo e do corpo ao longo do Seminário. Resta, contudo, a questão acerca do emprego do termo Outro, com O maiúsculo, para referir-se ao semelhante.

Estamos acostumados a escutar falar do casal parental, por exemplo, como representando o Outro para a criança. A proposição de Lacan aqui é diferente: trata-se de tomar o corpo do outro, do semelhante, como simbolizando o Outro, mas não o Outro nas definições a que estamos habituados, como Outro da linguagem, como tesouro do significante. Aqui o Outro designa a alteridade absoluta no que concerne ao sexo, alteridade em relação àquele que se coloca na posição toda-fálica. É a essa dimensão da alteridade do sexo que Melman se refere como “[...] a condição do desejo, do endereçamento desse desejo e de seu exercício.”⁹ E que está presente mesmo nos casais em que o sexo anatômico dos parceiros é idêntico.

Os *falasseres* que se situam do lado não-todo fálico da repartição dos seres sexuados estão nessa dimensão Outra. Dessa forma, gozar do corpo da parceira no ato sexual significa tomar esse corpo como simbolizando a alteridade radical do sexo. Para Lacan esse lugar de alteridade é o lugar da mulher na repartição simbólica dos seres sexuados. “Por ser, na relação sexual, em relação ao que se pode dizer do inconsciente, radicalmente o Outro, a mulher é aquilo que tem relação com esse Outro.”¹⁰

É isso que o leva a dizer, radicalizando: “Chamemos heterossexual aquele que ama as mulheres, qualquer que seja seu sexo próprio.”¹¹ Ou seja, todo aquele ou aquela que toma a mulher como parceira se relaciona com o *hetéros*, com a diferença sexual, não importa qual seja a sua anatomia.

Nesse ponto cabe discutir uma leitura frequente segundo a qual, ao contrário de Freud, que evoca a máxima “a anatomia é o destino”, para Lacan a anatomia não tem a menor importância na definição

⁸ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 29.

⁹ MELMAN, C. *Aimons-nous encore des femmes?* Data da conferência : 22/3/2007. Disponível em: <www.freud-lacan.com> Acesso em: 15 nov. 2013. [Tradução minha para o trecho citado]

¹⁰ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 108-109.

¹¹ LACAN, J. O aturrito. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 467

das identidades de gozo. É preciso entender o que significa essa expressão “não tem a menor importância”. É certo que nesse Seminário, sobretudo nas aulas VI - *Deus e o gozo da mulher*, e VII - *Letra de uma carta de amor*, Lacan diz explicitamente que é facultado aos *falasseres* situar-se numa posição de gozo, toda fálica ou não toda fálica, independentemente da sua anatomia. Daí a concluir a partir de tais afirmações que Lacan estaria postulando uma irrelevância do corpo enquanto real – no sentido de um dado inegociável, orgânico, que não depende do simbólico ou do imaginário para existir – é contrabandear para a teoria de Lacan um ponto de vista de outras teorias.

Mais uma vez, é preciso frisar o problema de tomar frases de Lacan como puros enunciados que se pode discutir de forma isolada do contexto em que foram elaborados, da teoria da qual são parte integrante e da clínica na qual se inserem. A respeito do papel do corpo na sexualização, Patrick De Neuter tem uma opinião bastante clara:

[...] não se pode dizer que o corpo real, enquanto organismo, seja sem importância. Ele não deixa de opor alguma resistência a essas identificações imaginárias ou simbólicas e às manipulações diversas que elas podem induzir. Do mesmo modo, não é jamais sem prejuízo que um sujeito rejeita essa ou aquela característica singular do seu corpo real.¹²

Esta leitura da importância do corpo na sexualização e nas identidades sexuais é compartilhada por Soler, que afirma:

Não há essência do masculino e do feminino, por conseguinte, não há obrigação: a anatomia não é o destino. Tendo cada um a liberdade, diz Lacan, de se alinhar de um lado ou do outro, existe escolha para ambos os sexos. [...]. Entretanto, convém notar que, nessa matéria, não pode tratar-se de uma liberdade por indiferença, porque o significante está ligado à anatomia. É um órgão do corpo que dá sua representação ao significante falo, e por isso se diz que um indivíduo é menino ou menina, antes de qualquer posição do sujeito. Logo, se há uma escolha, é pelo menos uma escolha vivamente aconselhada.¹³

Fiquem atentos, portanto, a certas leituras da teoria lacaniana da sexualização, que afirmam apressadamente e sem demonstrar que tal teoria é compatível com as teorias de gênero, e que o corpo real seria indiferente no que concerne à identidade de gozo, ou identidade sexual, visto que o fator que conta é o gênero, e este é produzido culturalmente. Lembrem-se de que esta é a tese de Butler e dos teóricos do gênero. Esta não é a tese de Lacan.

¹² DE NEUTER, P. Corpo. In: CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos, 2007. p. 70-72. p. 72.

¹³ Soler, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 226.

Nesse ponto da aula Lacan formula a questão que para Soler é a questão do Seminário: “Então, de onde parte o que é capaz, de maneira não necessária, e não suficiente, de responder pelo gozo do corpo do Outro?”¹⁴ “Esta é a questão do Seminário.”¹⁵ “A questão ‘De onde parte isso que responde pelo gozo?’ pode ser formulada também assim: qual é a mola propulsora da, se podemos empregar este termo, ‘epifania’ do gozo que há eventualmente no ato sexual. Qual é a sua mola propulsora? De onde isso vem? E quase, qual é a sua causa?”¹⁶

O termo *epifania* possui uma origem cristã e designa uma manifestação divina. Porém, quando utilizado pelos lacanianos, o termo remete a James Joyce, estudado por Lacan no seu *Seminário 23, O sinthoma*. Joyce, como sabemos, teve uma educação religiosa e pinça o termo do vocabulário católico para nomear pequenos incidentes, cenas do cotidiano, de onde extrai um caráter revelador, em si mesmo indizível, que ele busca colocar em palavras sob a forma de pequenos relatos, cenas banais, porém portadoras, para ele, desse caráter epifânico. No comentário de Soler, *epifania* parece designar a contingência do bom encontro, da *bonne heure* em que o sujeito encontra eventualmente o objeto que preenche a sua falta, ainda que – notem aqui o *ainda*, o *encore* – momentaneamente.

Lacan se pergunta então qual seria a causa do gozo. Dado o caráter inatural da relação do sujeito com o desejo e o gozo, decorrente da sua determinação pela linguagem, tal definição não pode ser óbvia, mas coloca uma questão que é preciso responder teoricamente. Assim como teorizou o objeto *a* como causa do desejo, Lacan busca definir aqui uma *causa do gozo*. Ele dá em seguida três respostas negativas a esta questão.

Primeira resposta negativa: “Não é do amor.”¹⁷ Como vimos, o gozo do corpo de quem se coloca na posição Outra não significa que o amor esteja implicado nesse ato. Soler ressalta que isso é da ordem da obviedade. “Sabemos que do amor ao gozo do ato sexual não há nenhuma implicação, nem num sentido, nem no outro. Podemos gozar sem amar, podemos amar sem gozar, isso é o b-a-ba conhecido desde sempre, de certa forma.”¹⁸

Mas ela acrescenta algo mais importante: “Qual é a grande diferença entre o amor e o gozo? É que o amor, apesar de tudo, chega a fazer *semblant* de laço [...], chega a conectar os dois. O que não é

¹⁴ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 12.

¹⁵ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...* op. cit., p. 19.

¹⁶ Id., *ibid.*

¹⁷ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 12.

¹⁸ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...* op. cit., p. 18.

precisamente o caso do gozo. ”¹⁹ De fato, ao contrário do gozo, que não faz laço, uma vez que é o gozo do sujeito com um objeto, sendo por isso solitário, mesmo quando envolve um casal, o amor se dirige a um sujeito: “No amor, o que se visa é ao sujeito, ao sujeito como tal (...). ”²⁰ O amor aparece aqui como o que vem suprir a falta da relação sexual: “O que vem em suplência à relação sexual é precisamente o amor. ”²¹

A relação sexual é impossível, o amor é possível e é uma solução da carência da relação sexual. Essa solução tem um inconveniente importante, é preciso dizer, que é o de ser *contingente*. Gostaríamos de uma solução que fosse tão *necessária* quanto o problema é *impossível*. A função do amor concerne o fato de que o amor trata a falha introduzida no campo do ser pelo *significante*.²²

Há, portanto, uma diferença lógica entre a relação sexual e o amor:

- Relação sexual — Impossível = “Não para de não se escrever”
- Amor — Contingente = “Para de não se escrever”

Porém, o sujeito, lembra Lacan, almeja mudar a inscrição lógica do amor, transformando a contingência em necessidade, fazendo com que ele perdure além do lampejo do bom encontro:

O deslocamento da negação, do *para de não se escrever* ao *não para de se escrever*, da contingência à necessidade, é aí que está o ponto de suspensão a que se agarra todo amor.

Todo amor, por só subsistir pelo para de não se escrever, tende a fazer passar a negação ao *não para de se escrever*, não para, não parará.²³

Ficamos neste ponto. Na próxima aula continuaremos discutindo as respostas de Lacan à questão da causa do gozo.

¹⁹ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...* op. cit., p.19.

²⁰ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 56.

²¹ Id., p. 51.

²² SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...* op. cit., p. 70-71.

²³ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 156.

